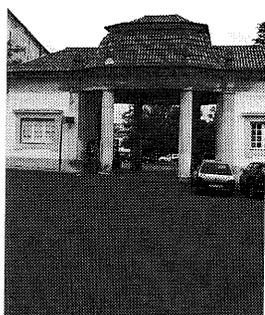


Serviço Domiciliário Hospitalar – das “Brigadas de Educação Sanitária da Família” ao Serviço Domiciliário dos HUC

Nídia Salgueiro *



Em Outubro de 1950 são criadas, pelo Professor Doutor João Porto, Director dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), as Brigadas de Educação Sanitária da Família, a funcionarem na Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca (EEÂF) em ligação com o Instituto de Assistência à Família (IAF). Um Despacho do Ministro do Interior de 11 de Outubro de 1950, aprova esta iniciativa. O seu funcionamento inicia-se em Janeiro de 1951. Estas Brigadas inserem-se no Serviço Social Hospitalar dos HUC, também criado nesse mesmo ano, por Despacho do Sub-Secretário da Assistência Social (Despacho de 29 de Junho de 1950) e na dependência técnica do IAF.

As palavras de Machado de Araújo, representante do IAF na sessão de homenagem ao Professor Doutor João Porto pelos seus dez anos de direcção dos HUC, levam a pensar que estas

Brigadas decorreram das necessidades sentidas durante o período de organização do referido serviço social – “Com a organização daquele serviço social hospitalar criaram-se meios e condições propícias para a revelação de problemas de assistência ao doente pobre no seu próprio meio familiar” (FERREIRA *et al.*, 1953. p. 192).

A sede das Brigadas era no Lar das Alunas Enfermeiras de Coimbra (LAEC), com duas equipas de alunas em permanência e o recurso aos alunos do sexo masculino, pontualmente, quando necessário, o que, por vezes “é insuficiente, mas não se pode desviar dos seus trabalhos escolares maior número”, como assinalam as palavras de Coriolano Ferreira, na altura Administrador dos HUC. E, esta individualidade sublinha que “se trata duma interessante experiência de saúde pública e de assistência hospitalar no domicílio que deu já as suas provas e deve agora transitar para o esquema normal dos Hospitais da Universidade de Coimbra” (*idem*, p. 150).

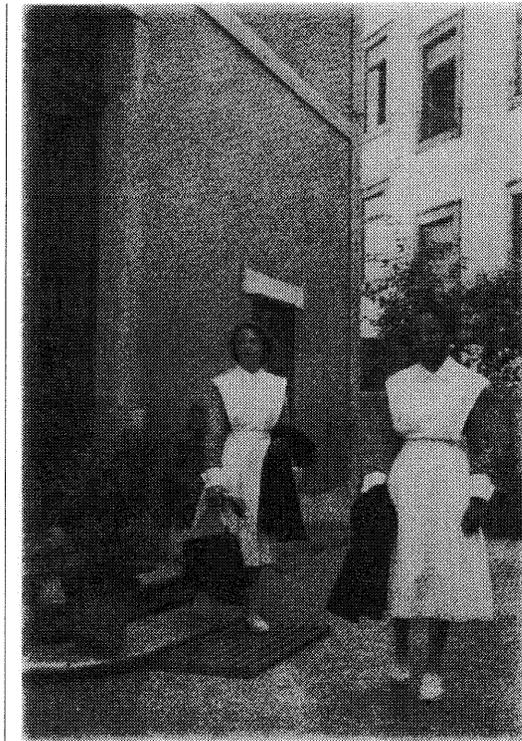
* Professora aposentada da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

Das palavras acima citadas, deduz-se que o Serviço Domiciliário dos HUC, tem nas brigadas de educação Sanitária da família, as suas raízes.

Mas, como funcionavam estas Brigadas?

Tenho bem presente as minhas passagens por estas Brigadas, como aluna do Curso Geral de Enfermagem (só com o Decreto-Lei 46.448 de 25 de Julho de 1965 - DG 160, se passou a designar Curso de Enfermagem Geral), a primeira das quais ocorreu no meu primeiro ano de Curso, em Fevereiro de 1953, ainda antes do “rito de passagem”, que era a imposição do Véu, no dia 8 de Março, nas comemorações de S. João de Deus.

“Cabia a cada aluna um mês por escala”, que se repetia quando desse a volta a todas. Fui escalada, com uma colega do 2º Ano, finalista, visto que até aqui o Curso tinha a duração de 2 anos, sendo o meu o primeiro de três anos (Decreto-Lei 38.884 de 28 de Agosto de 1952 - DG nº 190). Esta colega mais experiente assumia a responsabilidade dos cuidados e a minha própria orientação no terreno.



Uma Brigada de Educação Sanitária da Família sai para o giro diário (FERREIRA *et al.*, 1953, p. 193).

Tínhamos doentes em diversos bairros pobres periféricos da Cidade como os da Estação Velha, Casa Branca, Almas / St.ª Clara, Olivais, Arregaça, Conchada, bem como no Centro da Cidade. Os nosso doentes eram, na sua maioria, idosos acamados, alguns muito anquilosados, cardíacos, bronquíticos, diabéticos, com úlceras varicosas e outras, por vezes, também casais e alguns jovens. Todos com uma característica em comum, a pobreza.

A diferença entre os doentes do Bairro de Barracas da Conchada em relação aos de outros bairros era nítida. Os da Conchada, menos cumpridores, descuidados e por vezes insolentes, demonstrando que à pobreza se juntavam outras mazelas sociais, enquanto que tínhamos doentes que, pela sua postura e delicadeza com que nos recebiam, demonstravam uma dignidade que nos impressionava.

Tenho bem presente alguns destes “meus” primeiros doentes e não resisto a falar do “nosso” casal mais simpático e delicado. Um casal de idosos da Arregaça, cujo marido estava acamado. A esposa recebia-nos à porta da sua humilde, mas limpiíssima casa, delicada e carinhosamente. No meio da sala um fogareiro acesso para que nos aquecêssemos e enxugássemos. Nas nossas deslocações utilizávamos os transportes públicos, com um passe oferecido pela Câmara Municipal, mas, como é evidente, muito tínhamos que andar a pé e daí chegarmos muitas vezes molhadas. Colocada a capa numa cadeira perto do fogareiro, uma aquecedela nas mãos e toca ao trabalho. Mas, a boa senhora lembrava ainda que no compartimento ao lado tínhamos o nosso bacio... pois devíamos precisar. E, esclarecia, “é só das meninas” (um bacio de loiça, coberto com um pano, tudo muito limpo).

Realizávamos o nosso trabalho com bastante autonomia, o que quer dizer, também com muita responsabilidade. Tanto podiam ser cuidados de higiene a doentes acamados, mobilizações, massagens, como qualquer tipo de terapêutica – pensos, os mais variados. O ensino aos doentes e familiares estava sempre presente. A observação cuidadosa determinava o pedido de visita do médico (o nosso médico escolar) para alterar

terapêutica, pedir exames, dar alta ou, pelo contrário, se proceder a novo internamento. Às vezes, mediante as nossas informações, o médico nem chegava a fazer a visita, decidia pelo que lhe transmitíamos. Igualmente, as necessidades de natureza social, que estávamos despertas para avaliar, determinavam diligências junto do Serviço Social dos HUC, que por intermédio do IAF procurava minorar.

A par dos cuidados directos, toda uma gama de cuidados indirectos e organizativos: a começar pela preparação das malas, com o material individualizado para cada doente; a lavagem e preparação do material para esterilizar (faziam-se à mão as compressas e bolas de algodão); a reposição dos stocks, a substituição de material, a requisição de carrinhas para deslocação dos doentes, quando necessário; os contactos com o Médico Escolar; com o Serviço Social e os registos diários de tudo o que fazíamos ou observávamos e no fim do mês “o apanhado” para fins estatísticos, o que nos permite hoje dispor desses dados (FERREIRA *et al.*, 1953, p. 192).

O planeamento tanto dos cuidados, bem como a organização do trabalho para o dia seguinte, era outra preocupação, a fim de que as nossas deslocações fossem o mais rentáveis possíveis, sem prejudicar os cuidados a prestar. Em caso de dificuldade, podíamos recorrer a uma das docentes que conosco viviam no LAEC, mas só em casos muito excepcionais o fazíamos.

Em conclusão, as Brigadas de Educação Sanitária à Família iniciam um Serviço de Assistência Domiciliária, destinado, sobretudo, a doentes pobres. Estava a cargo da EEAF e era realizado pelas alunas, em períodos de um mês, por escala, com duas brigadas em permanência. Mas tarde foi assumido pelos HUC, como um Serviço do próprio Hospital – o hospital leva os seus serviços ao domicílio, hoje não só para pobres, mas para os que deles carecem. E, nada melhor do que terminar com as palavras de Trigo de Negreiros, Ministro do Interior, no seu discurso na Sessão de Homenagem ao professor Doutor João Porto, que naquela época, como hoje são actuais:

“O doente sofre moralmente quando sai do seu ambiente familiar. E isso leva a concluir que devem ser tratados no seu domicílio todos os doentes que ali possam ser tratados, reservando-se o hospital para os casos agudos ou em que sejam necessários meios de diagnóstico e tratamento que só o hospital pode dar. Por isso louvo e aplaudo o sentido social deste Hospital, criando aqui e pela primeira vez em Portugal, o Serviço Social da Doença” (p. 218).

Referência Bibliográfica

FERREIRA, Coriolano A. *et al.* – *Dez anos de história dos Hospitais da Universidade de Coimbra (1942-1952), sob a Direcção do Professor Doutor João Porto.* Coimbra: Casa do Pessoal dos HUC, 1953.